

O Diário de Bordo como elemento diferenciador na aprendizagem por projeto, experimental e artística

The graphic diary as a differentiating element in a project-based, experimental and artistic learning

CAROLINA RIBEIRO MACHADO CORREIA BRANCO*
& SOFIA MATALONGA BARREIROS JORGE**

Artigo submetido a 26 de abril 2017 e aprovado a 29 de maio 2017.

*Universidade de Lisboa, Mestrado em Ensino de Artes Visuais. Alameda da Universidade, 1649-013, Lisboa, Portugal. E-mail: carolinamcbranco@gmail.com

**Colégio Pedro Arrupe Passeio dos Heróis do Mar, Parque das Nações, 1990-514, Lisboa, Portugal. E-mail: matalongajorge@gmail.com

Resumo: Partilha da experiência da criação de um diário de bordo gráfico, com alunos do 5º e 6º ano do Colégio Pedro Arrupe, para a ilustração de um livro ao abrigo da Semana do Mar, uma semana de aprendizagem por projeto e em grupo. O diário de bordo pretende registar o processo de ilustração, as regras gráficas (capa e contra-capas), a experimentação de materiais, as ideias que foram surgindo; este registo faz do diário de bordo um portfólio de pesquisa, evidenciando a autonomia, auto-crítica e reflexão do aluno.

Palavras-chave: experimentação / descoberta / erro / autonomia.

Abstract: This article shares the experience of the making of a graphic diary as a support to illustrate a children's book, with students from the 5th and 6th grades of Colégio Pedro Arrupe, during the Semana do Mar (Sea's Week), a school week dedicated to project-based learning and group work. This graphic diary documents the process of illustration, its graphic regulations (concerning the cover and back-cover), the experimentation of several art supplies, the ideas along the way; this transforms the diary into a graphic research portfolio, highlighting the student's autonomy, self-criticism and reflection.

Keywords: experimentation / discovery / mistake / autonomy.

Introdução

Se considerarmos a educação como um processo de formação de identidade (Salbego, 2015:10), a educação atual vive, então, vários desafios. Vivemos a democratização da informação, das tecnologias — cada vez mais rápidas e globais —, e de um acesso total a qualquer matéria ou interesse. Este tempo privilegiado deveria capacitar as crianças e jovens a serem ativos, auto-críticos, criativos e pensadores; contudo, são “alienados, não pensam no futuro, não têm garra e projetos de vida” (Cury, 2003:12). A banalização de oportunidade conduziu-nos a crianças e jovens passivos, desinteressados numa escola meramente preocupada com habilidades académicas (Robinson, 2006) e desligada da energia e vivacidade do mundo real. Por isso, talvez, nenhum desafio seja tão urgente como a formação de alunos empáticos, autónomos, auto-críticos e criativos. Não será por acaso que a Organização Mundial de Saúde (2016) publicou as dez habilidades (de vida) que as escolas devem trabalhar com as crianças e jovens: auto-conhecimento, a relação interpessoal, a empatia, a comunicação, a capacidade de lidar com emoções (inteligência emocional), o pensamento crítico, a criatividade, a capacidade de tomar decisões e a de resolução de problemas.

1. Contexto

O Colégio Pedro Arrupe (CPA) não é alheio ao desafio da educação para o século XXI; isto é evidente através do seu projeto educativo, assente na Pedagogia Inaciana, com um acentuado foco na formação humana. Assim, todos os anos existe a Semana do Mar: na última semana de aulas do 2º período, os alunos não têm aulas e trabalham por projetos, desenvolvendo a interdisciplinaridade.

Desde 2013, o projeto Fábrica de Histórias, da editora Cabeçudos, desenvolve um livro de ilustração com uma curta-metragem, da autoria dos alunos do 5º e 6º ano, guiados pelos professores e mediadores das diferentes áreas técnicas durante o ano. O projeto inicia-se na disciplina de Português com as turmas do 5º ano, onde é pedido aos alunos uma história, recorrendo ao processo de escrita criativa. A seguir, com base na história final, nas disciplinas de E.V.T., os alunos começam a ilustrar cada página do livro. Quando as personagens estão finalizadas, os alunos do 6º ano começam a construí-las em 3D e os respetivos cenários, em modo de preparação para a curta-metragem. Finalmente, na Semana do Mar, o projeto é partilhado e desenvolvido com os alunos inscritos, incentivado o trabalho em equipa e integração de outros alunos. Após a Semana do Mar, dá-se continuidade ao projeto de forma regular. O livro e o filme são apresentados à comunidade escolar no final do terceiro período.

É neste contexto que surge o presente artigo e a partilha de uma nova

experiência durante a Semana do Mar mediante a ilustração do livro: o diário de bordo.

2. Desenvolvimento

O projeto do livro de ilustração tem início no primeiro período e passa pelos seguintes processos:

Criação da história: trabalho coordenado pelo Departamento de Artes Visuais e pelo Departamento de Português;

Criação das personagens: os alunos iniciam os estudos de cada personagem (em grafite numa folhas A3). É traçado o perfil psicológico e os alunos são desafiados a corresponderem graficamente a esse mesmo perfil (exemplos visuais são fornecidos pelos professores). Em seguida, os pormenores de cada personagem são trabalhados através de variadas técnicas e texturas (experimentalção). Os desenhos são então avaliados e redistribuídos consoante os interesses de cada aluno (diferenciação pedagógica), uma etapa onde se realiza a metamorfose de desenhos de diferentes alunos, de modo a que haja realmente a máxima contribuição do trabalho de todos os alunos (5º e 6º ano) para a criação das personagens. Após uma avaliação final, são eleitos os desenhos finais para cada personagem. Os desenhos escolhidos são fotocopiados e distribuídos diferenciadamente pelos alunos para colorir. Desta forma surgem vários resultados nos estudos de cor das personagens, para posterior selecção. O resultado final mostra cada uma das personagens, construída por vários alunos e combinação dos seus trabalhos;

Criação dos fundos: em páginas duplas (20cm x 22,4cm), os alunos experimentam espontaneamente variados materiais e técnicas (acrílico, guache, lápis de cor, cartolina, colagens, aguadas, re-dimensões).

No fim do segundo período deste ano, na Semana do Mar, o objetivo foi finalizar o livro de ilustração com um grupo de 11 alunos do 5º e 6º ano. A finalização passou pela montagem final de cada página dupla (reunir, escolher, relacionar e trabalhar os vários elementos respetivos à parte da história de cada página) e pela elaboração da capa e contra-capas (mediante a ideia dada pela Professora Sofia Jorge e das regras gráficas fornecidas pela editora).

No início da Semana do Mar, foi pedido a todos os projetos a elaboração de um diário de bordo (numa única folha A4), para que pudesse ser registado os objetivos de cada dia (definidos com os alunos) e o que tinha sido alcançado (Figura 1, Figura 2, Figura 3, Figura 4). O diário de bordo funciona também como um documento passível de ser consultado para relembrar os projetos antigos. Contudo, e certamente influenciados pelo espírito crítico e experimental da

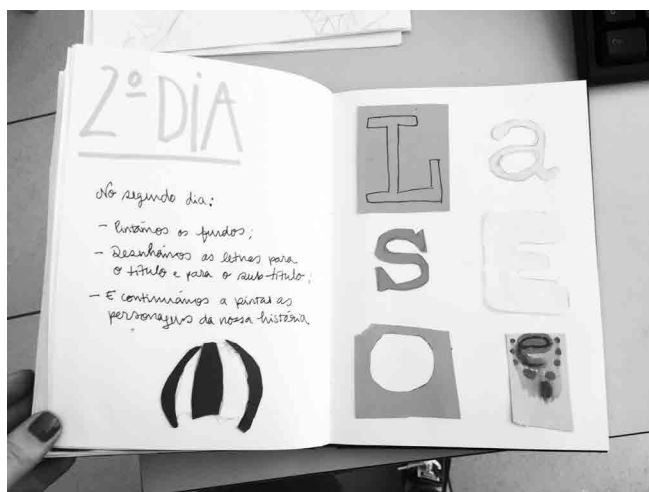


Figura 1 · O início da história. Trabalho plástico através da junção de texto e imagem. Trabalhada, também, a noção de paginação.

Fonte própria.

Figura 2 · Descrição do segundo dia e exposição de alguns elementos gráficos (tipografia) trabalhados nesse mesmo dia.

Fonte própria.

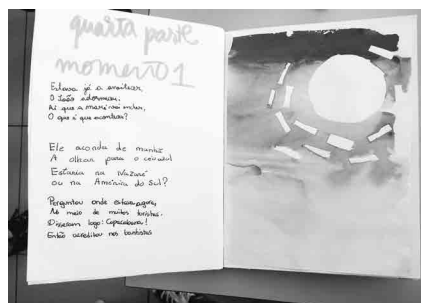


Figura 3 · Continuação da história. Exemplo de um sol criado através de aguadas e uso de fita-cola. Fonte própria.

Figura 4 · Exemplo de como os estudos das texturas foram integrados no diário de bordo. Registo do "antes" e do "depois" da textura do céu. Fonte própria.

Figura 5 · Exemplo do resultado final. Capa do livro ilustrado. Fonte própria.

Semana do Mar, decidimos transformar o diário de bordo num diário de bordo gráfico (com cerca de 30 páginas) (Figura 5, Figura 6, Figura 7, Figura 8).

O diário de bordo rapidamente se tornou num elemento importante no processo da criação do livro e da própria ilustração. Para além de ilustrar a organização que os alunos iam dando ao projeto, sempre guiados pelos professores, os alunos tiveram a rara oportunidade de registar as suas experiências, algo que levou à desmistificação do erro. Este é, de facto, um dos pontos de maior importância do diário de bordo: os sistemas escolares (e por conseguinte o mundo do trabalho) estigmatizam o erro. Ao fazermos isto, inculcamos nos alunos a ideia de que o pior que podem fazer é cometer um erro (Robinson, 2006). Sem erro não existe experimentação (do aluno), se não existe experimentação não existe descoberta, e sem descoberta o aluno torna-se num recetor passivo.

Neste sentido, é essencial travar este padrão porque se os jovens não estão preparados para errar, nunca terão capacidade nem coragem para criar algo original (Robinson, 2006). A criatividade exige coragem porque implica avançar para algo inexplorado. Ser diferente, testar os limites conhecidos, trabalhar dificuldades, responder a desafios e, claro, errar exige coragem (Torrance, 2002:76).

Ao registar os vários métodos e experiências feitas pelos alunos, o diário de bordo desmistificou o erro, incentivou os alunos a expressarem-se (a expressão é uma ação e um resultado em si) e a exporem experiências que não tinham corrido bem — tudo isto realça a aprendizagem por descoberta (Bruner, 1999), um modo de aprendizagem em que o professor é um guia/mentor e que leva o aluno a descobrir o conteúdo do que é leccionado, feita neste projeto educativo.

A flexibilidade do diário de bordo permitiu também que fossem executadas as funções que Robinson (2015:104) considera os (bons) professores cumprem: *engage*, *enable*, *expect* e *empower*:

O caráter multi-dimensional, criativo, dinâmico do diário de bordo entusiasmou (*engage*) os alunos, que se mostraram sempre prontos a completar o diário;

Também possibilitou (*enable*) que os alunos reflectissem sobre a experiência, explorassem um caminho ao invés de outro, aplicassem os seus conhecimentos ao longo da estrutura do diário, etc.;

Criou expectativas (*expect*) ao ter os objetivos definidos e os alunos sabiam o que esperavam de si próprios;

E, por fim, capacitou (*empower*) os alunos a irem mais longe.

Esta aprendizagem por descoberta urge que o aluno seja auto-crítico e, segundo Bahia & Trindade (2013:2-6), a literacia crítica pede uma construção de conhecimento e linguagem, da ação de pensar e de sentir. E são, de facto, as



Figura 6 · Exemplo das personagens finais — alguns destes estudos integraram o diário de bordo. Fonte própria



Figura 7 · Exemplo dos estudos das personagens no diário de bordo. Fonte própria

áreas artísticas (e a sua educação) que promovem esta pluralidade de possibilidades e de expressão.

The arts are about the qualities of human experiences. (...) we give form to our feelings and thoughts about ourselves, and how we experience the world around us. Learning in and about the arts is essential to intellectual development. The arts illustrate the diversity of intelligence and provide practical ways of promoting it. The arts are among the most vivid expressions of human culture (Robinson, 2015:142-143).

Segundo Eisner (2008), a aprendizagem das artes contribui para a aprendizagem de outras disciplinas: refere que a flexibilidade e a exploração da surpresa, que as artes permitem durante o trabalho, fazem com que o trabalho em si se renda à sugestão que se vai revelando durante o seu processo, podendo chegar a resultados mais favoráveis; Eisner ainda dá o exemplo da ligação inquebrável da forma e do conteúdo — “Muda o ritmo de um verso de poesia e mudarás o significado do poema.” (Eisner, 2008:12). Por outras palavras, as artes não resultam de elementos separados mas de relações e interligações, incentivando os alunos a pensarem, fazerem relações entre várias concepções. Os alunos do

5º e 6º ano, inscritos no projeto do livro ilustrado, têm uma mais-valia em poder trabalhar neste modo dinâmico.

Essas mais-valias são então materializadas neste objeto gráfico, um importante instrumento que constrói discursos (Guerra, 2013:36). Protagonizou-se como um significativo elemento e método pedagógico permitindo um livre expressão e exploração de conceitos gráficos e textuais por parte dos alunos. Finalmente, acabou, também, por cumprir a função de portfólio de pesquisa: cada objetivo, passo, regras, texto, etc. estavam registados no diário (através das experiências dos alunos e fotografias tiradas todos os dias), os alunos, ao terem dúvidas, recorrem ao diário de bordo como um recurso de verificação. Isto contribuiu para uma maior autonomia de cada aluno.

Conclusão

O entusiasmo que os alunos demonstraram perante o diário de bordo traduziu-se na sua motivação constante em quer participar e preencher as páginas do diário. Confirmou-se como um “promotor do processo criativo” (Afonso, 2014:1) por ser um espaço livre de experimentação, comunicação e por à medida de cada aluno e das suas necessidades ou curiosidades. Assim, o diário de bordo será uma experiência a repetir pelo seu caráter didático e construtivo.

Referências

- Afonso, Salomé Ferreira. (2014). Diário Gráfico ou a nossa Memória Externa. In *Revista Matéria-Prima*. ISSN 2182-9756, e-ISSN 2182-9829. Vol 2 (3): 96-102.
- Bahia, S. & Trindade, J.P. (2013). Arte como desenvolvimento da literacia crítica. *Matéria Prima*, 1 (2). 171-178.
- Bruner, J. S. (1999). *Para uma teoria da educação*. Lisboa: Relógio d'Água.
- Cury, Augusto. (2003) *Pais brilhantes, professores fascinantes. Como formar jovens felizes e inteligentes*. Editora Pergaminho.
- Eisner, Elliot E. (2008). O que pode a educação aprender das artes sobre a prática da educação? In *Currículo sem Fronteiras*. Vol 8, n.2, pp.5-17, Jul/Dez 2008.
- Guerra, Joana Isabel N. G. (2013). *Conceitos, a importância da fotografia e do diário gráfico na ilustração* (Tese de Mestrado). Disponível em Repositório da Universidade de Lisboa: sibul.reitoria.ul.pt
- Robinson, Ken. (2006, Fevereiro). Ken Robinson: Do schools kill creativity? [Video]. Disponível em https://www.ted.com/talks/ken_robinson_says_schools_kill_creativity?language=pt
- Robinson, Ken. (2015). *Creative schools. The Grassroots Revolution that's transforming education*. Nova Iorque: Penguin.
- Salbego, Juliana Zanini. (2015). Ensinar pela cultura visual: relações possíveis entre educação e práticas contemporâneas da visualidade. In *VI Congresso Internacional de Educação*.
- Torrance, Ellis Paul. (2002). *The Manifesto: A Guide to Developing a Creative Career*. Ablex Publishing.